

Meditações: 6º domingo do Tempo Comum (Ano A)

Reflexão para meditar no 6º domingo do Tempo Comum (Ano A). Os temas propostos são: a novidade da Lei; instrumento de liberdade; raiz do pecado.

- A novidade da Lei
- Instrumento de liberdade
- Raiz do pecado

DEPOIS de pronunciar as bem-aventuranças, Jesus continua o

sermão da montanha, falando sobre a Lei. Desde o princípio, o Senhor não se apresenta como alguém que veio abolir o que tinham dito Moisés ou os profetas, mas dar plenitude a essas palavras (cf. Mt 5, 17). E esta plenitude, este sentido mais profundo, implica não considerar a Lei como algo externo, alheio à pessoa, que deveria cumpri-la custe o que custar; os preceitos de Deus, na realidade, sintonizam com o nosso coração e existem para mudá-lo e prepará-lo para a verdadeira felicidade.

Já o salmista afirma que é bem-aventurado aquele que guarda os preceitos do Senhor “e de todo o coração procura a Deus” (Sl 118 [119], 2). O livro do Eclesiástico também indica que Deus “conhece todas as obras do homem” (Sir 15, 20): não fica apenas na superfície do ato, mas também Lhe importa a intenção com a qual foi realizado.

Jesus não quer que sejamos movidos pelo simples desejo de cumprir, pois esta atitude não nos une aos outros, mas leva ao formalismo: realizar o que foi estabelecido externamente, mas sem perceber o bem que isso causa na própria vida. O Senhor convida-nos, portanto, a sermos movidos por um amor como o Seu, que muitas vezes soube estar acima da própria Lei.

“A novidade de Jesus consiste, essencialmente, no fato de que Ele mesmo ‘completa’ os *mandamentos com o amor de Deus, com a força do Espírito Santo que habita nele. E nós, através da fé em Cristo, podemos abrir-nos à obra do Espírito Santo, que nos torna capazes de viver o amor divino. Por isso, cada preceito se torna verdadeiro, como exigência de amor, e todos convergem num único mandamento: ama a Deus com todo o coração, e ao teu próximo como a ti mesmo*”^[1].

AO LONGO da história há quem tenha concebido a Lei como uma imposição arbitrária de Deus. Esta mentalidade leva a pensar que a única razão pela qual é conveniente cumpri-la é porque Ele estabeleceu isso, e deste modo poderíamos dizer: “Deus ditou um mandamento, mas também poderia ter decretado o contrário”. Essa abordagem impede-nos de perceber a bondade dos preceitos divinos e a profunda racionalidade que os sustenta: eles não são *caprichos*, mas respondem ao desejo de bem presente na natureza humana.

Não se trata, portanto, de conceber os mandamentos como imposições arbitrárias, mas “como um instrumento de liberdade, que me ajuda a ser mais livre, que me ajuda a não ser escravo das paixões e do pecado (...). Quando cedemos às

tentações e paixões, não somos senhores nem protagonistas da nossa vida, mas tornamo-nos incapazes de administrá-la com vontade e responsabilidade”^[2]. Deus, com a Sua Lei, traça um caminho que sacia a sede de plenitude que todos nós temos; um caminho pelo qual somos mais senhores de nós mesmos porque a nossa liberdade cresce cada vez mais. É por isso que a gravidade do pecado não é tanto a quebra de uma regra, mas o dano que fazemos a nós mesmos: perdemos protagonismo nas nossas vidas e deixamos que as nossas paixões nos dominem.

Como dizia São Josemaria: “A liberdade adquire o seu sentido autêntico quando é exercida em serviço da verdade que resgata, quando a gastamos em proclamar o Amor infinito de Deus, que nos desata de todas as escravidões”^[3]. Os mandamentos do Senhor não

oprimem a liberdade, muito pelo contrário: “é *lex perfecta libertatis* (cf. Tg,1,25): a lei perfeita de liberdade, como o próprio Evangelho, porque toda ela está resumida na lei do amor, e não apenas como uma norma externa que manda amar, mas ao mesmo tempo como graça interior que nos dá a força para amar”^[4].

NO SEU DISCURSO, Jesus, além de mostrar a plenitude da Lei – um caminho que se percorre com o coração e que nos liberta, convidamos a refletir sobre a origem do mal. A Lei mosaica proibia o assassinato e o adultério, mas Cristo vai mais além: “todo aquele que se encoleriza com seu irmão será réu em juízo” (Mt 5, 22); e “todo aquele que olhar para uma mulher, com o desejo de possuí-la, já cometeu adultério com ela no

seu coração” (Mt 5, 28). A plenitude da Lei, o novo Evangelho de Jesus Cristo, portanto, não se refere apenas aos atos externos, mas também aos movimentos internos da pessoa: afetos, desejos, emoções...

O ensinamento de Jesus é dirigido à raiz do pecado. O homicídio é precedido pelo desejo de prejudicar o outro. O adultério é a consequência da rejeição do próprio cônjuge e do desejo de possuir outra pessoa. Esses males são concebidos, antes de tudo, na própria privacidade. E uma vez enraizados no coração, são exteriorizados através de atos concretos. É por isso que o Senhor nos encoraja a voltar o olhar para dentro e a refletir sobre os motivos que movem as nossas ações. Como dirá em outra ocasião: “o que sai da boca vem do coração, e isso é que torna impuro. É do coração que saem as más intenções: homicídios, adultérios, imoralidade sexual,

roubos, falsos testemunhos e calúnias” (Mt 15, 18-19).

São Josemaria insistia na necessidade do exame de consciência para poder reconhecer a origem dos nossos pecados. “Observa a tua conduta com vagar. Verás que estás cheio de erros, que te prejudicam a ti e talvez também aos que te rodeiam. (...) Precisas de um bom exame de consciência diário, que te leve a propósitos concretos de melhora, por sentires verdadeira dor das tuas faltas, das tuas omissões e pecados”^[5]. Deus, com a Sua graça, ajuda-nos a acolher na nossa alma a plenitude da Lei que o Seu Filho revelou. Podemos dirigir estas palavras do fundador do Opus Dei à Virgem Maria: “se há em mim alguma coisa que te desagrade, diz-o, para que a arranquemos”^[6].

[1] Bento XVI, *Ângelus*, 13/02/2011.

[2] Francisco, *Ângelus*, 16/02/2020.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27.

[4] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 09/01/2018.

[5] São Josemaria, *Forja*, n. 481

[6] *Ibid.*, n. 108.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/meditation/
meditacoes-6o-domingo-do-tempo-
comum-ano-a/](https://dev.opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-6o-domingo-do-tempo-comum-ano-a/) (14/08/2025)